

Memória e história: educação profissional numa escola industrial

Vania Beatriz Merlotti Herédia*

Introdução

A cidade de Caxias do Sul (RS) teve um desenvolvimento econômico acelerado entre as duas guerras mundiais. Esse crescimento ocorreu, principalmente, na indústria que abastecia a economia regional e nacional. No período das guerras, a cidade teve várias indústrias que foram declaradas de interesse nacional, o que ampliou seu mercado e consolidou sua capacidade industrial. O município de Caxias do Sul havia sido criado em 1890 e, desde sua formação inicial, teve destaque no campo da indústria metalúrgica e mecânica, na têxtil e na de alimentos e bebidas, abastecendo o mercado colonial e regional.

Na década de 1930, o modelo de substituição às importações, adotado no governo de Getúlio Vargas, estimulou as atividades econômicas tradicionais. A expansão industrial precisava de mão de obra especializada para atender aos interesses empresariais definidos pelo modelo econômico, que valorizava o fortalecimento do mercado interno.

A criação de escolas profissionalizantes ocorria de acordo com a posição política e econômica do governo, que acreditava que a mão de obra qualificada deveria ser formada em escolas que integrassem o conhecimento tecnológico a habilidades manuais. A preparação de operários exigia “uma formação metódica que, iniciada nos bancos e oficinas escolares [...], se consolida

* Doutora em História pela Università degli Studi di Genova, Itália. Professora do Programa de Pós-Graduação em História na Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: vbmhered@ucs.br.

nas oficinas de trabalho na indústria” (O departamento..., 1955, p. 1). Nesse sentido, as escolas criadas pelo Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) seriam mecanismos de colaboração para a formação da classe operária especializada, bem como de lideranças econômicas. Para esse fim, o controle das escolas foi assumido pela Confederação Nacional da Indústria, que se responsabilizou pela manutenção e direção da aprendizagem industrial.

O presente estudo trata, portanto, da fundação da Escola de Aprendizagem Nilo Peçanha, localizada no município de Caxias do Sul, “em 01 de agosto de 1944, sendo a segunda unidade do Estado” (Revista de Indústria Paulista, 1955, p. 12). A Escola Nilo Peçanha nasceu com o intuito de formar mão de obra especializada, vinculada às principais indústrias da região de colonização italiana, no Rio Grande do Sul, que já constituíam um parque fabril. A criação da escola se deu por meio do diálogo entre o governo federal, a administração municipal e os representantes da indústria.

Como suporte teórico, são utilizadas as obras de Joël Candau (2011) e Fernando Catroga (2001), uma vez que o uso das categorias conceituais desses autores colabora para discutir as experiências realizadas na instituição. Candau (2011, p. 19) reforça a relação entre memória e identidade quando postula que “se a memória é geradora de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado”.

O estudo usa como método a história oral, sustentada na visão de Portelli, que explicita a importância do diálogo que se estabelece na entrevista¹ e não se encerra com ela, estendendo-se à medida que se dá retorno aos indivíduos e aos grupos envolvidos. A entrevista é entendida

[...] como uma experiência de igualdade, na qual dois sujeitos, separados pelas hierarquias culturais e sociais, escancaram suas desigualdades e as anulam, fazendo delas o território de suas trocas. [...] Com um único gesto, se demanda e se cruza esse limite, o que transforma a entrevista em um espaço utópico. (Portelli, 2010, p. 213).

1 Segundo Portelli, “a oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de seu significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão além da intenção consciente destes” (2016, p. 21).

A amostra é intencional e trata das narrativas de sujeitos que estiveram envolvidos com a instalação, manutenção e expansão da instituição. Os entrevistados são ex-alunos, professores e diretores da escola.² As principais fontes utilizadas na pesquisa foram documentos da própria instituição, constituídos por atas de reuniões, correspondências emitidas pela escola desde a sua criação, registros de relatos em diversas unidades da escola, publicações oficiais, boletins e relatórios. A análise contribui para o conhecimento de práticas institucionalizadas, estabelecidas pelo governo Vargas, que foram mantidas e representam um meio de qualificação da mão de obra operária.

Indústria e aprendizado industrial: educação profissional

A história do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em Caxias do Sul, remonta à década de 1940, quando o processo de industrialização brasileira apresentava sinais de expansão e mudança nos padrões de produção adotados na história econômica do país. No governo de Getúlio Vargas, a indústria brasileira havia preterido o modelo que valorizava a produção no exterior, buscando assim substituir as importações, o que representava alterações substanciais no modo de produção. O modelo anterior, calcado na exportação de produtos primários, havia garantido uma indústria tradicional, boicotada pelo próprio país, em prol dos interesses das elites brasileiras e do mercado externo.

A escola profissionalizante no Brasil nasceu inspirada na aprendizagem das profissões como acontecera no passado, nas corporações de ofício; ou seja, estruturada em procedimentos semelhantes aos existentes nessas corporações, que se manifestavam desde o ritual de chegada até a formatura. Diferentemente do período colonial, quando a corporação internava os aprendizes na casa dos mestres, nas escolas profissionalizantes os aprendizes tinham uma disciplina necessária para o processo de aprendizagem, e as regras eram claras e objetivas. A idade para a aprendizagem iniciava-se entre os 12 e 14 anos, a partir da aceitação do aprendiz pelo mestre (Fonseca, 1986).

2 As entrevistas ocorreram em 2014, em locais definidos pelos entrevistados. Algumas foram realizadas nas residências dos entrevistados e as demais na própria escola. Todos aceitaram participar da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Na Primeira República, no governo de Afonso Pena (1906-1909), foram criados muitos institutos técnicos profissionais, com o intuito de colaborar com o avanço da indústria no Brasil, por meio da formação de mestres e operários, com habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento de cada setor.³

Entretanto, Nilo Peçanha (1909-1910), na sua breve gestão governamental, criou diversas escolas de aprendizes artífices na capital dos estados, inspiradas nos liceus de artes e ofícios (Fonseca, 1986). O Decreto-Lei nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, criou o ensino profissional no Brasil (Muller, 2010) e tornou Nilo Peçanha conhecido como o fundador desse ensino, que favorecia os menos privilegiados (Fonseca, 1986). Nilo Peçanha, em 1910, foi substituído pelo marechal Hermes da Fonseca, que deu continuidade a esse projeto nos quatro anos sucessivos. Ao assumir o governo, ele afirmou que se dedicaria ao ensino técnico-profissional, artístico, industrial e agrícola, e que essa instrução deveria influenciar a formação dos cidadãos. A regulamentação das escolas de aprendizes artífices se deu com o Decreto nº 9.070, de 25 de outubro de 1911 (Fonseca, 1986).

Uma década depois, no governo de Epitácio Pessoa, surgiram dificuldades nas escolas profissionalizantes, refletindo a ausência de um planejamento na educação referente às aulas que eram ministradas nas oficinas. Para resolver essa situação, o ministro Ildefonso Simões Lopes

[...] nomeou uma comissão técnica composta, na maioria, por profissionais do Instituto Parobé (criado inicialmente como uma Escola de Aprendizes Artífices), do Rio Grande do Sul, que vinha alcançando repercussão nacional pelo seu trabalho com cursos profissionalizantes. (Muller, 2010, p. 196).

Como solução, essa comissão assumiu o papel de remodelar o ensino profissionalizante sob o comando de João Lüderitz, diretor do Instituto Parobé, numa tentativa de modificar a concepção de educação profissional. Muller (2010, p. 196) destaca que a comissão identificou os principais problemas referentes à falta de habilitação dos mestres e contramestres para exercerem as funções de “ensino prático na oficina; o desenho industrial e a tecnologia de sua área”.

3 Afonso Pena foi favorável à proposta de criação de escolas de formação profissional. Essas escolas “[poderiam] contribuir também para o progresso das indústrias, proporcionando-lhes mestres e operários instruídos e hábeis” (Fonseca, 1986, p. 172).

Em 1934, ao assumir o Ministério da Educação e Saúde, Gustavo Capanema criou uma comissão para estudar a possibilidade de implantar estabelecimentos de ensino profissional industrial. Foi constituída por Joaquim Faria Góes Filho, Lourenço Filho, Roberto Mange, Horácio da Silveira, Leon Renault, Arthur Torres Filho, Francisco Montojos, Lafaiete Belfort Garcia e Rodolfo Fuchs (Boclin, 2005, p. 22). Essa comissão se inspirava na experiência alemã, e muitas ideias nasceram dos debates por ela promovidos.

Em 1937, em pleno Estado Novo, entrou em vigor a Lei nº 378, de 13 de janeiro, que suprimiu a Superintendência do Ensino Profissional, “onde se reafirma a necessidade de atender à demanda da industrialização desencadeada na década de 30, sendo que os operários deveriam sair – mais uma vez – das classes ‘menos favorecidas’” (Muller, 2010, p. 198). A posição assumida pelo governo retomava a preocupação com o ensino profissionalizante, sem, no entanto, tratá-lo como um mecanismo de homogeneização social. Fica claro, no art. 129 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 1937, que o “ensino pré-vocacional e profissional destinado às classes menos favorecidas é, em matéria de educação, o primeiro dever do Estado” (Mourão, 1992, p. 101). Essa regulamentação, pela lei, previa a fundação de institutos de ensino profissional, para dar sustentação à sua execução, e propunha subsídio a iniciativas do estado, do município e de associações profissionais.

Em 1939, o governo federal, preocupado com a necessidade de formar mão de obra, instituiu uma “comissão interministerial incumbida de regulamentar o Decreto-Lei nº 1.238, de 2 de maio de 1939, que dispunha, entre outros objetivos, sobre cursos de aperfeiçoamento profissional para trabalhadores” (Bologna, s.d., p. 9-10). Essa comissão se apropriou da experiência realizada em São Paulo pelo Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, dirigido por Roberto Mange. A experiência desse centro remonta a 1924, quando foi criada a Escola Profissional de Mecânica no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, com a intenção de constituir um centro de formação de trabalhadores ferroviários, devido a um acordo com as principais estradas de ferro daquele estado. Cada companhia financiava dois aprendizes para participarem do curso, que tinha a duração de quatro anos. Era uma escola especializada, técnica, que utilizava métodos racionais e demonstrava a eficácia de seus resultados na prática.

Dessa forma, o ensino técnico-profissional foi regulamentado na gestão de Getúlio Vargas, por meio de uma legislação que foi promulgada em 1942. Essa legislação era constituída de diversas leis orgânicas, que

estabeleciam as regras para o então chamado ensino industrial, comercial e agrícola. O Decreto-Lei nº 4.073, de 31 de janeiro de 1942 (Brasil, 1942a), que estabelecia a Lei Orgânica do Ensino Industrial, foi promulgado uma semana depois da “criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942)” (Revista de Indústria Paulista, 1955, p. 4).

A Lei Orgânica do Ensino Industrial dividia o ensino em dois ciclos: “no primeiro ciclo, os cursos industriais, os cursos de maestria, os cursos artesanais e os cursos de aprendizagem e no segundo ciclo, os cursos técnicos e os cursos pedagógicos” (Revista de Indústria Paulista, 1955, p. 4). A legislação definia as práticas educativas, os estágios nas indústrias, o regime disciplinar e o calendário escolar, o que gerava a regulamentação das escolas industriais e técnicas federais, bem como das escolas artesanais e de aprendizagem (Mourão, 1992, p. 108).

O ensino industrial estava amparado pela legislação. A criação de um sistema de ensino que cumprisse esse papel responderia às expectativas e aos interesses das indústrias. A Confederação Nacional da Indústria e a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo fizeram uma proposta ao presidente da república, de solicitar “a responsabilidade de gerir a aprendizagem industrial aos órgãos sindicais dos empregadores” (Mourão, 1992, p. 116). A proposta foi entregue por Euvaldo Lodi, presidente da Confederação Nacional das Indústrias, e por Roberto Simonsen, da Federação das Indústrias de São Paulo.

A proposta interessava ao governo, uma vez que compartilhava responsabilidades e sustento financeiro com as indústrias. Na criação do Senai, o governo inicialmente planejou a sustentação econômica através da cobrança de dois mil-réis por empregado da indústria. Entretanto, quando foi estabelecido o Decreto-Lei nº 6.246, de 5 de fevereiro de 1944, para referendar a busca dessa receita, ficou decidido que seria “1% sobre o montante dos salários pagos pela indústria aos seus empregados” (Boclin, 2005, p. 27). Os empresários reagiram contra o depósito compulsório, mas com o tempo admitiram que a medida beneficiava a formação da classe trabalhadora, desde que fosse controlada por um organismo competente e atualizado.

O decreto-lei orientava que a arrecadação da contribuição fosse feita “pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, sendo o produto posto à disposição do Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários” (Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, 1942, p. 6). A aplicação do recurso seria feita na mesma região. As empresas que tivessem acima

de 500 operários seriam acrescidas de 20%, e o Senai aplicaria os recursos advindos das contribuições adicionais em benefício do ensino nos mesmos estabelecimentos, por meio de bolsas de estudo concedidas aos operários diplomados, habilitados e àqueles de excepcional valor para o aperfeiçoamento ou a especialização profissional, ou por meio da montagem de laboratórios que pudessem melhorar as condições técnicas e pedagógicas (Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários, 1942, p. 6).

De acordo com Muller (2010, p. 199) “a massa empresarial, formada por pequenos e médios empresários, não compreendeu o Senai como um órgão pertencente a todos, mas como um peso a mais, um serviço restrito à elite empresarial, demonstrando, por isso, resistência à sua implantação”. Segundo essa historiadora, o operariado também teve relutância, “temendo a possibilidade de desemprego aos não participantes dos cursos, ou ainda, pelo fato de aquele órgão estar muito próximo à burguesia industrial, o que os tornava refratários ao processo” (Muller, 2010, p. 199).

Escolas de aprendizagem industrial no Brasil: a Escola Nilo Peçanha

A Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha foi fundada no dia 1º de agosto de 1944, sendo a segunda unidade do estado do Rio Grande do Sul, programada para formar mão de obra na região. Caxias do Sul esteve presente nos interesses nacionais durante a Segunda Guerra Mundial, quando muitas de suas indústrias foram declaradas de “interesse militar”. O crescimento da produção industrial provocou um incremento na produtividade empresarial em diversos ramos, e esse rápido crescimento estimulou transformações econômicas que afetaram a composição das indústrias locais, tornando-as mais dinâmicas, ao lado daquelas tradicionais que já eram conhecidas no país.

É oportuno lembrar que o presidente do país era um gaúcho que conhecia sua terra e sabia das condições prósperas da região onde deveria ser instalada a Escola Nilo Peçanha. Tinha ciência do potencial das indústrias caxienses e da luta dos empresários pela infraestrutura necessária para o seu desenvolvimento econômico. Getúlio Vargas conhecia as condições econômicas do município quando solicitou ao prefeito Dante Marcucci estudos estatísticos da economia local, capazes de comprovar o potencial do município para a construção da Rodovia Federal BR-2, mais tarde denominada

BR-116, que uniria o estado ao restante do país. Vargas tinha apoio dos empresários da indústria e do comércio do município, uma vez que já haviam mantido relações econômicas estreitas enquanto ele era governador do Rio Grande do Sul. A classe empresarial havia apoiado Vargas na sua entrada no governo.

Entretanto, a negociação para a instalação da escola começou bem antes. Em 23 de dezembro de 1942, o prefeito Dante Marcucci recebeu uma correspondência do chefe da Seção de Seleção e Orientação Profissional do Departamento Regional do Senai, Álvaro Figueiredo Paz, comunicando a possibilidade de criar uma escola industrial do Senai em Caxias do Sul, com o aval do engenheiro João Luderitz, diretor nacional do Senai, e de Aroldo Melo Silveira, diretor do Departamento Regional.

Nessa correspondência, havia a previsão de data da instalação e ainda da visita desses dois diretores do Departamento Regional ao município de Caxias do Sul, a fim de estudar definitivamente as bases de instalação da escola (Paz, 1942). Em decorrência dessa negociação, Marcucci recebeu Figueiredo Paz e mostrou interesse na construção da escola, alegando que “já havia sentido os primeiros reflexos da falta de operários especializados nas indústrias de sua comunidade” (Paz, 1942), e que a instalação de uma escola profissional no local resolveria o problema de mão de obra da região. Em âmbito nacional, tinha-se a convicção de que as escolas do Senai seriam construídas em cidades que apresentassem uma vocação industrial, não apenas nas capitais.

Para avançar na proposta, o prefeito fez contato com a Associação Comercial e apresentou ao representante do Senai empresários das seguintes indústrias: Abramo Eberle & Cia., Luis Michielon & Cia., Tecelagem de Seda Marisa, Irmãos Panceri, Luiz Pizzamiglio & Cia., Irmãos Chisté, Davids & Cia. Ltda., Gazola, Travi & Cia. (Paz, 1942). Os empresários, de ramos mais tradicionais ou mais dinâmicos, visualizaram o investimento do Senai em Caxias por meio do plano de ação apresentado pela instituição, e se comprometeram, juntamente com a prefeitura municipal, a colaborar com a instalação da escola industrial. Estavam de acordo com a justificativa dada pelo representante da entidade, de que Caxias tinha todas as condições para instalar uma escola de aprendizes. Assim, não perderam a oportunidade de agilizar essa negociação, recebendo os representantes do Senai e mantendo a prefeitura associada aos requisitos impostos.

Várias questões foram discutidas para operacionalizar a proposta, como o local onde a escola deveria ser instalada, a escolha de professores e do

diretor. No que concerne aos professores, os empresários foram unânimes na posição de que, mesmo sendo difícil, existia a possibilidade de localizá-los e contratá-los na própria localidade, uma vez que a cidade possuía experiência industrial. Alegaram que havia, na própria metalúrgica Abramo Eberle, uma escola chamada “aula de desenho Dr. José V. Eberle”, que havia sido criada em 1940 e contava com um professor especializado, João Júlio Gyboski, formado pelo Instituto Técnico Parobé (Antunes, 1950, p. 104). Entretanto, para a escolha do diretor, recomendaram que fosse indicado pela Delegacia Regional, devido à carência de técnicos na cidade. Na correspondência do diretor do Departamento Regional do Senai para o prefeito Dante Marcucci, isso fica explícito:

A escolha de um diretor para a Escola em questão não poderá ser feita em Caxias, pois a falta de técnicos naquela cidade já é enorme e seria bastante difícil encontrar um com aptidões razoáveis para tal cargo. A solução mais indicada e talvez única é de levar de Porto Alegre o futuro diretor de nossa escola industrial em Caxias. (Silveira, 1942).

Os cursos elencados pelos empresários como necessários para a indústria de Caxias do Sul foram os mecânica, carpintaria, fiação e tecelagem. Houve consenso na decisão de que a cidade de Caxias era o local ideal para instalar a escola, pois os alunos, obrigatoriamente, estariam “em condições bastante razoáveis para frequentar qualquer curso que exigisse educação primária” (Silveira, 1942). É importante lembrar que o aprendiz também deveria estar inscrito numa escola de educação básica.

A direção do Senai decidiu que investiria na construção de um edifício que abrigasse uma escola para o futuro, já que via em Caxias uma cidade promissora frente ao desenvolvimento econômico (Silveira, 1943). O interesse na construção da escola é evidenciado na correspondência entre o prefeito municipal e o diretor do Senai. Em março de 1943, o Senai solicitou ao prefeito de Caxias do Sul a definição do terreno para efetivar a construção. Em menos de um mês, Dante Marcucci enviou um fonograma ao diretor do Senai no Rio Grande do Sul, comunicando que haviam fechado o negócio do terreno.

A Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha começou a funcionar com uma ligação muito forte com a indústria metalúrgica Abramo Eberle. Como a própria legislação previa, havia uma exigência de vínculo do jovem aprendiz com a indústria. Essa exigência dava força para a escola e também

para a indústria. Na década de 1940, a metalúrgica Abramo Eberle Ltda. era considerada uma grande indústria e envolvia um número elevado de operários. Muitos dos sócios da empresa tornaram-se admiradores da escola instalada em Caxias, pelos benefícios que ela trazia para o desempenho da metalurgia. Esses sócios aparecem na história da escola, encaminhando aprendizes que mais tarde retornaram para a indústria metalúrgica:

Entre eles, Pedro Moré, viúva Joana Eberle, mais os nomes de devotados servidores. José e Júlio Eberle, filhos de Abramo, Oscar Martini, Hugo Argenta, Érico Raabe, Alberto Bellini, Rizzieri Serafini, Aristides Peroni, Caetano Petinelli, Ildefonso e Zulmir Eberle. (Franco, 1943, p. 246).

É possível estabelecer uma série de relações entre a história da metalúrgica Abramo Eberle Ltda. e as áreas de especialidade trabalhadas na escola. Antes do nascimento da escola, a própria indústria formara especialistas em trabalho industrial que, mais tarde, tornaram-se instrutores da Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha.

Ainda nesse contexto, a Escola Nilo Peçanha contou sempre com a prefeitura, que apoiou a instalação da escola e acreditou nas vantagens que ela ofereceria à indústria da cidade. Isso significou, por exemplo, a doação do terreno para a construção da escola pela prefeitura. A legislação previa a contribuição por parte das indústrias na manutenção do Serviço Nacional da Indústria e, como Caxias abrigava um relevante parque fabril, a escola foi presenteada aos empresários industriais pelo fato de propiciar um local de aprendizagem para formar mão de obra especializada.

Em 10 de janeiro de 1944, o Senai publicou um edital de inscrição, avisando os estabelecimentos industriais sobre a abertura da escola e as regras para a admissão dos aprendizes e de trabalhadores menores. As inscrições se estenderam de 10 de janeiro a 20 de fevereiro daquele ano. O edital explicitava que, segundo a Lei nº 4.481, de 16 de julho de 1942, os empregadores deveriam empregar e matricular nos cursos do Senai um certo percentual de empregados. Para os aprendizes, a cota equivalia a no mínimo 5% dos operários existentes em cada estabelecimento “cujos ofícios demandem formação profissional”, e para trabalhadores menores era “de 1% de empregados de todas as categorias em serviço em cada estabelecimento” (Senai, edital..., 1944, p. 3).

Os cursos oferecidos eram gratuitos, mas havia obrigatoriedade da matrícula dos operários por parte dos empresários. Foi estabelecido que

um representante da empresa receberia a instrução e os formulários para a inscrição dos aprendizes e dos trabalhadores menores. O não cumprimento das regras poderia gerar multas aos empregadores. O processo definido pela direção do Senai estava pronto. As vagas haviam sido definidas, os alunos estavam inscritos e a escola se preparava para abrir suas portas, beneficiando as indústrias e a cidade.

A indústria localizada no município atendia ao mercado regional e nacional e necessitava de mão de obra qualificada, uma vez que muitos jovens provinham das áreas rurais do município, onde frequentavam apenas a escola básica. O município, desde sua criação em 1890, sempre teve destaque na produção agrícola e na produção industrial. Entretanto, após a instalação do modelo de substituição às importações, no governo de Vargas, a produção industrial superou a produção agrícola (Herédia, 1997). Na época da Segunda Guerra Mundial, a indústria metalúrgica e a indústria têxtil localizadas em Caxias tornaram-se indústrias de “interesse nacional”, o que ampliou sua produção. Nesse sentido, constata-se que a escola atendia os interesses das classes empresariais, bem como os interesses expressos pelo município.

A preocupação do Senai na contratação de professores era evidente. Era necessária uma equipe com domínio técnico e professores que ministrassem as disciplinas de cultura geral. Assim, foi aberto um edital para candidatos a professores dessas disciplinas, ainda em março daquele ano. As disciplinas de cultura geral abrangiam: português, matemática, ciências físicas e naturais, história do Brasil e geografia do Brasil. Eram solicitados na inscrição requisitos como: experiência em docência, curso de normalista, curso secundário completo, além de dados gerais que comprovassem a identidade do candidato, envolvendo estado civil, idade, nacionalidade, residência e quitação do serviço militar. O candidato a professor deveria ter “registro competente no Departamento Nacional de Educação do Ministério de Educação e Saúde e comprovar o registro da disciplina em que [possuía] competência” (Senai, inscrição..., 1949, p. 2). Os interessados deveriam prestar exames que comprovassem a habilitação exigida, que compreendiam prova de conhecimentos, de capacidade e de docência.

De acordo com a legislação, o menor aprendiz não poderia ter mais de 18 anos, nem menos de 14 anos. Deveria ser indicado pela empresa, “não ter moléstias contagiosas, ser vacinado contra a varíola e ter aptidão física e mental” (Boclin, 2005, p. 52). Segundo os registros identificados na Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha, os alunos da primeira turma

provinham, em sua maioria, do município de Caxias do Sul, mas havia inscritos de outras localidades, como Flores da Cunha, Vacaria, Encantado, Lajeado, Canela, Bom Jesus, Canoas e Viamão. Há ainda o registro de um aluno que vinha de Graz, na Áustria (Senai, 2014).

As indústrias que se envolveram no processo inicial da escola, com alunos cotistas, foram: Metalúrgica Abramo Eberle S.A., Indústria Metalúrgica Gazola Ltda., Metalúrgica Triches, Viúva Matteo Gianella & Cia., Indústria Madeireira Ltda., Grandense Ltda., Sehbe S.A., Gethal S.A., Luiz Michielon S.A., Indústria Nardi Ltda. Na segunda turma, é interessante observar que a escola recebeu alunos de fora do estado. A maioria ainda procedia da cidade de Caxias do Sul, seguida por São Francisco de Paula, São Joaquim (SC), Vacaria, Jaquirana, Lagoa Vermelha e Garibaldi (Senai, 2014).

Os locais de trabalho dos cotistas eram: Metalúrgica Abramo Eberle S.A., Luiz Michielon S.A., Tecidos e Artefatos Kalil Sehbe S.A., Indústria Metalúrgica Gazola Ltda., Gethal S.A., Chisté & Cia. Ltda., Tecelagem Marisa S.A., Cooperativa Madeireira Caxias, Tecelagem Panceri Ltda., Davids & Cia. Ltda., Malharia Jane Ltda., Viúva Luiz Pizzamiglio & Cia., Veronese e Cia., Malharia Caxiense, Eberle, Kokenborger S.A., Kunz & Cia. (Silveira, 1942; Senai, 2014). Pelos registros do Senai, verifica-se que, em menos de um ano, houve a ampliação do número de empresas participantes inscrevendo seus aprendizes como cotistas.

A escola surgiu integrada ao contexto industrial. Constata-se, nas relações existentes entre a direção da escola e a prefeitura municipal, uma harmonia que reflete a satisfação de ambas as partes. Mesmo quando alguns problemas afetavam a escola, as soluções eram amistosas, e os resultados apareciam em curto prazo. Exemplo de soluções buscadas pelo Senai diante da constante falta de água que ocorria na cidade, afetando não apenas a escola, mas também as indústrias, aparecem nas correspondências entre José Wilson Telles Costa e o prefeito Rubens Bento Alves, que administrava o município, na década de 1950.

Segundo os primeiros professores da Escola Nilo Peçanha, a seleção de ingresso exigia uma prova de matemática e uma carta de indicação da indústria. As duas áreas iniciais eram ajustagem e tornearia. Os alunos passavam o dia na escola e tinham aulas teóricas e aulas práticas, sendo que estas muitas vezes ocorriam dentro da fábrica.

Memória da escola: registros de seus protagonistas

As experiências dos professores e instrutores que colaboraram para a formação das primeiras turmas no Senai Nilo Peçanha foram fundamentais para o funcionamento da escola profissional. Muitos entrevistados reconheceram o papel que tiveram na formação profissional de lideranças que administraram grandes empresas, bem como na qualificação de alunos que se tornaram professores e operários.

Roberto Segalla foi um dos primeiros instrutores da escola e nela permaneceu por muitos anos. Ele relembra a resposta do diretor que o chamou para trabalhar no Senai: “Alegou que gostou da minha maneira de falar, e investiria em mim [...]. Cumpriu sua palavra. Investiu em mim como cidadão” (Roberto Segalla, 2014). No relato do ex-professor do Senai,

[...] a proposta de ensino profissional que a escola oferecia ao aluno estava voltado para pensar como fazer, pesquisar para fazer, planejar como fazer e fazer. O aluno aprendia a teoria, exercitando na prática. [...] todos os produtos da indústria vinham de fora. Era importante aprender a fazer. (Roberto Segalla, 2014).

Segalla comenta que, quando conversou com o diretor do Senai, José Wilson Telles Costa, em 1947, mostrando seu interesse em trabalhar na escola, já possuía experiência na metalúrgica Abramo Eberle, no setor de conserto de arte sacra e também na parte de motores: “Eu aprendi sozinho a lidar com tornos. Eu era muito curioso” (Roberto Segalla, 2014).

A escolha dos instrutores tinha como requisito a experiência fabril. Quando foi contratado pelo Senai, Segalla já havia passado pela experiência de trabalho em vários setores dentro da indústria metalúrgica, que era uma área prioritária para os empresários industriais.

Ser professor era aceitar um desafio atrás do outro. O professor tem que saber ensinar. Os alunos perguntavam o tempo todo. Perguntavam os porquês da solda, os porquês do alumínio. Eu tinha uma ambição de ensinar com segurança. Deram-me espaço para andar. (Roberto Segalla, 2014).

O êxito da experiência de Segalla se repete na história de outros instrutores que acreditavam na escola e deixaram seus empregos para atuar nela,

por reconhecerem a importância social da instituição. É o caso de Louseno Menegotto, que entrou para o Senai na década de 1950. O projeto pessoal de ensinar no Senai aparece de forma evidente em suas lembranças. Mesmo tendo passado em concurso do Banco do Brasil, emprego irrecusável na época, e ainda na Receita Federal, Menegotto escolheu o Senai como lugar de trabalho. Esse professor, mestre de muitos alunos do Senai, nos seus 25 anos de escola, revela que “tinha amor pelos seus alunos, pelas suas aulas; enfim, pelo Senai”. Menegotto relembra que “cada aula era uma descoberta, e o desafio era manter a curiosidade dos alunos e o interesse dos mesmos pela aprendizagem”. Ele traz para o presente inúmeras recordações das incursões feitas com os alunos pelo mundo da ciência, das descobertas e do interesse que tinham por suas aulas (Louseno Menegotto, 2014).

O ingresso de Menegotto na Escola Nilo Peçanha visava à substituição da professora de matemática Helena Magdaleno Maschio, que estava doente. Em seus relatos, comenta que o diretor-professor José Wilson Telles Costa, o fez fazer “um teste que era composto por uma redação e, no dia seguinte, [quis que ele] fosse dar aula de matemática” (Louseno Menegotto, 2014). “Então comecei no Senai em junho de 1951”; o professor comenta ainda que, depois da matemática, lecionou física, química, biologia e, no final, eletrônica. “Na parte térrea da Escola Nilo Peçanha funcionavam as oficinas, parte prática; na parte superior, as aulas teóricas” (Louseno Menegotto, 2014). O turno era integral, meio dia de aula teórica, meio dia de aula prática.

Em suas observações, Menegotto ressalta que o Senai contava com professores e instrutores. Em certa data, mudaram o regime de trabalho e a forma de contratação. Para isso, dispensaram os professores e permaneceram com os instrutores.

Os professores seguiam as normas do Sindicato dos Professores e os instrutores seguiam as normas do Sindicato dos Metalúrgicos. Ganhávamos igual e fazíamos a mesma coisa. Então, no Brasil, extinguíram o quadro dos professores, indenizaram a todos e ficaram apenas com os instrutores [...]. Saiu a Adiles (que era Lucchesi), uma grande professora; saiu o Oscar Lorenz, com curso na Escola Técnica Parobé de Porto Alegre, com formação na Alemanha, um desenhista de primeira linha. Foi embora porque foi contratado como professor. (Louseno Menegotto, 2014).

Comenta que a escola formou empresários que se destacaram no mundo dos negócios. A escola sempre formou lideranças que atuaram em diversos ramos e que souberam aproveitar o conhecimento que ela lhes propiciara quando a frequentavam. Recorda de vários alunos:

O atual presidente do Conselho Consultivo, Jones Mariani, foi nosso aluno, foi meu aluno; foi sócio-fundador, com o seu colega Fischer, da Pigozzi Cipolla S. A. [...] O Mario Polesso fundou a Matrizaria Polesso. Tem centenas de outros exemplos. O próprio Raul Randon participou de um curso no Senai, no ano que iniciei, não foi meu aluno. Da ferraria do pai, com o irmão, deixaram as carretas para animais e foram para outras carretas e tudo o que está ali. Assim, a Marcopolo... Mas tem muitas pequenas empresas criadas por ex-alunos. Mas muitos já aposentados, e muitos dos nossos alunos foram para a Varig. (Louseno Menegotto, 2014).

Por meio dos diversos relatos constata-se que a escola atendeu ao propósito de sua criação e que o município de Caxias do Sul tomou uma decisão acertada quando a prefeitura colaborou, em 1942, com a sua instalação por meio da doação de terreno. Para o prefeito Dante Marcucci, não havia dúvidas de que o município se destacaria como parque industrial e de que a formação de mão de obra seria uma demanda em curto prazo, o que confirmava o potencial industrial instalado no período de Getúlio Vargas.

Outra entrevista que ajuda a explicitar como funcionava a escola foi dada por Laudemir Zambiasi, ex-instrutor da escola, que permaneceu por vários anos na função, tendo sido aluno e posteriormente professor. Ele lembra de quando começou a frequentar a instituição. Diz que aprendeu muito e que foi aluno da primeira turma de 1944, inscrito no curso de Ajustagem, cotista da Abramo Eberle. Estudava na época na escola que a Eberle mantinha:

Lá os cursos eram gratuitos e os nossos chefes aconselhavam que fizéssemos os cursos. Então vim para o Senai. A Eberle precisava preencher o número de cotas, e eu fui um deles. Tinha 14 anos. Fiz seis meses na ajustagem e, na época, o professor José Wilson Telles Costa era professor de eletricidade. Ele era considerado muito rígido. Quando passou para a direção da instituição, deixou a eletricidade e começou a dar aulas de desenho. Nesse momento passei para a eletricidade. Em maio de 1950, fui admitido pelo Senai como instrutor. (Laudemir Zambiasi, 2014).

Um aluno antigo, da segunda turma do Senai, João Franciscutti também relembra que, quando entrou no Senai, em 1946, para fazer um curso de leitura e interpretação de desenho, já trabalhava havia um ano na metalúrgica Abramo Eberle. Seu professor no curso de desenho era o próprio diretor, José Wilson Telles Costa. Segundo Franciscutti, o diretor tinha uma visão de indústria e começou a estruturá-la com base nas necessidades reais que, naquele momento, as indústrias enfrentavam na busca de mão de obra. Franciscutti frequentou vários cursos na instituição, como o de torneiro mecânico e de ajustador. Destaca que

[...] o Senai ensinava a parte profissional e a parte moral. As normas eram muito explícitas, e a pessoa, além de se tornar um profissional, tinha uma educação próxima a uma educação familiar. [...] Quando fiz o curso de desenho, trabalhava de dia na Eberle e à noite no Senai. Entrei no Senai com 18 anos. Depois fui estudar no Carmo e trabalhava na Eberle meio turno. Contribuo hoje com minha experiência de forma singela, participando do conselho consultivo do Senai Nilo Peçanha. O Senai me deu uma amplitude na parte profissional. [...] Na Abramo Eberle entrei como polidor e depois fui para a maquinaria e depois torneiro mecânico. (João Franciscutti, 2014).

Os relatos mostram o reconhecimento dos envolvidos – alunos, instrutores e professores – em relação à história da escola em suas vidas. Dos atributos desenvolvidos pela escola, destacam-se, identificados pelos entrevistados, o papel do ensino técnico na sua trajetória profissional, a importância da prática no processo de ensino e aprendizagem, a ênfase na disciplina e no respeito ao outro e, principalmente, a percepção da transformação que o trabalho gera internamente, tanto naquele que ensina quanto naquele que aprende. Em todos os depoimentos, o sentimento de ser “senaiano” foi uma constante.

Ainda em junho de 1949, a Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha recebeu a visita do presidente da Confederação Nacional das Indústrias, Euvaldo Lodi, juntamente com uma comitiva constituída de diversas autoridades, que vieram ao Rio Grande do Sul para visitar os centros industriais e as escolas de São Leopoldo e Novo Hamburgo, bem como a de Caxias do Sul. Na visita a Caxias, Euvaldo Lodi elogiou o apoio recebido pelas indústrias e citou como exemplo a firma de Abramo Eberle, que manteve 86

operários nos cursos da escola (Entusiasmado..., 1949). Após visita à Escola Nilo Peçanha, a comitiva foi recebida no Clube Juvenil para um banquete, que contou com a presença do prefeito.

Nessa visita, alguns casos de sucesso de alunos da escola foram relatados ao presidente da Confederação da Indústria, com exemplos de criatividade, inovação e desenvolvimento. Um deles foi de um ex-aluno que abriu uma oficina mecânica para automóveis e que, durante o ano anterior, havia ganhado “trezentos mil cruzeiros de lucro” (Entusiasmado..., 1949). Outro caso tratava da produção de uma máquina de fazer macarrão, que foi patenteada pelos alunos do Senai.

Em 1944, a Escola de Aprendizagem Nilo Peçanha adotara uma modalidade de ensino que consistia na concessão de bolsas de estudo para jovens residentes em localidades onde não havia uma escola industrial. “Encontram-se 44 alunos bolsistas procedentes de Uruguaiana, Livramento, Rosário, Ijuí, Encruzilhada, Carazinho, Lajeado, Santa Cruz, Passo Fundo, Cachoeira, Nova Prata” (Serviço Nacional da Indústria, 1949, p. 36). Essa modalidade de bolsas de estudo ocorreu apenas na escola de Caxias do Sul. Por meio de uma carta, escrita por um desses bolsistas, chamado Osmar, é possível entender como funcionava a escola na época: “de manhã, entramos às sete e meia e saímos às onze e trinta; de tarde, entramos à uma e meia e saímos às cinco e meia” (Serviço Nacional da Indústria, 1949, p. 36). Em toda a descrição, só elogios à escola.

A força das indústrias em Caxias do Sul era uma realidade no Rio Grande do Sul, a ponto de ser criada, em 17 de julho de 1951, uma Delegacia Regional do Centro de Indústria Fabril do Rio Grande do Sul, que tinha como objetivo defender os interesses da indústria, sustentada na concepção de que os empresários desse segmento tinham forte espírito empreendedor. Muitas lideranças da indústria caxiense passaram pela Escola Nilo Peçanha e viram nesse aprendizado um marco divisor em sua vida. Esse marco é uma demonstração de que a escola atendia às exigências postas pelo mercado e abria oportunidades para muitos jovens aprenderem a arte do ofício.

Mario Lourenço Polesso foi um desses jovens; ingressou no Senai em 1954, na área de ferramentaria. Havia sido indicado pela empresa de Abramo Eberle e teve como professores Roberto Segalla e Gianino Chieradia. Ele lembra que, quando terminou o Senai, retornou para a metalúrgica Abramo Eberle, mas naquele momento foi chamado pelo exército e fez curso de paraquedista. Afirma que a experiência no Senai o ajudou a abrir uma

ferramentaria, juntamente com seu irmão, em 1970. Nas recordações desse empresário, o Senai foi o passo inicial para a longa carreira que exerceria na área da metalurgia, envolvendo uma série de funções que desempenhou em várias entidades, como no Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul, como presidente; na Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, como membro da diretoria; no próprio Conselho Regional do Senai. Na FIERGS, conta que foi “líder do grupo 14 por um período de 7 anos, no setor metalúrgico do estado, sendo, na época, constituído por nove sindicatos, envolvendo 30.000 empregos”. Mais tarde, acompanhou “membros do Senai em viagens internacionais, para tratar de parcerias que pudessem beneficiar o Senai e a indústria brasileira” (Mario Lourenço Polesso, 2014). Essas lembranças mostram que o crescimento do Senai contou com a colaboração de muitos empresários, que dedicaram seu tempo a um processo de desenvolvimento que compreendia a formação de mão de obra profissional, associada ao desenvolvimento tecnológico pelo qual passou a indústria no país.

Considerações finais

A história da Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha evidencia a importância que tem para o meio industrial uma prática institucionalizada, que atenda aos interesses do setor econômico. Dirigidas aos interesses do empresariado local, que necessitavam de mão de obra especializada, as práticas dessa escola tiveram papel decisivo na formação de profissionais da indústria, estimulando sua inserção no mercado de trabalho e influenciando o preparo de futuras lideranças.

Os relatos dos entrevistados mostram a força que essa instituição teve na vida daqueles que por ela passaram, principalmente pela metodologia apresentada, na junção entre teoria e prática, bem como por um ensino voltado para a realidade. O ensino profissionalizante, mantido pela relação direta com a indústria, foi profícuo e teve o reconhecimento daqueles que o realizaram.

O uso da história oral está no registro desses protagonistas, que construíram essa história, e no seu reconhecimento do valor da instituição, que deu direção às suas vidas e orientou suas experiências profissionais. Nas narrativas de todos os entrevistados, além da memória de fatos pitorescos e de conquistas coletivas, há a certeza de que receberam um manual para vencer na

vida e ter bom desempenho nos campos técnicos que a indústria lhes oferecia naquele momento. A análise dos relatos aponta que a escola qualificou a mão de obra, oferecendo condições distintas de trabalho para aqueles que a frequentaram. A classe empresarial reconhece os resultados promovidos pela instituição em prol do desenvolvimento industrial na região.

Para os professores e alunos da escola, sempre houve um forte sentimento de solidariedade que os unia e os distinguia dos demais, no sentido do valor que a instituição exerceu sobre a formação profissional de todos os “senaianos”.

Referências

ANTUNES, Duminiense Paranhos. *Documentário histórico do município de Caxias do Sul 1875-1950: comemorativo do 75º aniversário da colonização*. Caxias do Sul: Artegráfica Comércio e Indústria, 1950.

BOCLIN, Roberto Guimarães. *Senso e consenso*. Brasília: Senai/Departamento Nacional, 2005.

BOLOGNA, Italo. *Formação profissional na indústria: o Senai*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional, [s.d.].

BRASIL. Presidência da República. *Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942*. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). 1942a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4048.htm>. Acesso em: 6 jun. 2018.

_____. *Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942*. Lei Orgânica do Ensino Industrial. 1942b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4073.htm>. Acesso em: 6 jun. 2018.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 43-70.

ENTUSIASMADO o Sr. Euvaldo Lodi com o espírito progressista dos industriais gaúchos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 22 jun. 1949.

ESCOLA de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha. *A Época*, Caxias do Sul, p. 71, 16 out. 1949.

FONSECA, Celso Suckow da. *História do ensino industrial no Brasil*. Rio de Janeiro: Senai/DN/DPEA, 1986. v. 1.

FRANCO, Álvaro. *Abramo já tocou... ou a epopeia de um imigrante (ensaio biográfico)*. 2. ed. São Paulo: Editora Ramos, Franco, 1943.

HERÉDIA, Vania B. M. *O processo de industrialização da zona colonial italiana*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

MOURÃO, Eliana. *Das técnicas artesanais à civilização industrial: a trajetória do ensino industrial no Brasil*. Rio de Janeiro: Senai/Diretoria Técnica/Divisão de pesquisas, estudos e avaliação, 1992.

MULLER, Meire Terezinha. O Senai e a educação profissionalizante no Brasil. *Revista HISTERBR*, Campinas, n. 40, p. 189-211, dez. 2010.

O DEPARTAMENTO regional do Senai no Rio Grande. *Revista Paulista de Indústria*, ano V, n. 42, p. 13, dez. 1955.

PAZ, Álvaro Figueiredo. [Carta] 23 dez. 1942, Porto Alegre, [para] MARCUCCI, Dante, Caxias do Sul. 2 f. Possibilidade de criação de uma escola profissional. (Arquivo Histórico João Spadari Adami, Caxias do Sul; Fundo Público; Correspondência).

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra & Voz, 2010.

_____. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra & Voz, 2016.

SENAI, EDITAL de inscrição. *O Momento*, Caxias do Sul, n. 564, p. 3, 15 jan. 1944.

SENAI, INSCRIÇÃO. *O Momento*, Caxias do Sul, n. 571, p. 2, 4 mar. 1949.

SENAI – SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. *Histórias e percursos: o departamento nacional do Senai (1942-2002)*. Brasília: Departamento Nacional, 2002.

_____. Cadastro de alunos matriculados no Senai. Caxias do Sul: Senai Nilo Peçanha, 2014.

SERVIÇO NACIONAL DA INDÚSTRIA. *A Época*, Caxias do Sul, p. 36, 16 out. 1949.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZES DOS INDUSTRIÁRIOS: os termos do decreto-lei que o criou. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 6, 23 jan. 1942.

SILVEIRA, Aroldo. [Carta] 28 dez. 1942, Porto Alegre, [para] MARCUCCI, Dante, Caxias do Sul. 3 f. Relatório da visita dos diretores do Senai de Porto Alegre. (Arquivo Histórico João Spadari Adami, Caxias do Sul; Fundo Público).

_____. [Carta] 15 fev. 1943, Porto Alegre, [para] MARCUCCI, Dante, Caxias do Sul. 3 f. Decisão de não alugar prédio e construir edifício próprio. (Arquivo Histórico João Spadari Adami, Caxias do Sul; Fundo Público).

Fontes orais

FRANCISCUTTI, João [79 anos]. [jan. 2014]. Entrevistadora: Vania Beatriz Merlotti Herédia. Caxias do Sul, RS, 23 jan. 2014.

MENEGOTTO, Louseno [86 anos]. [jan. 2014]. Entrevistadora: Vania Beatriz Merlotti Herédia. Caxias do Sul, RS, 10 jan. 2014.

POLESSO, Mario Lourenço [76 anos]. [fev. 2014]. Entrevistadora: Vania Beatriz Merlotti Herédia. Caxias do Sul, RS, 5 fev. 2014.

SEGALLA, Roberto [87 anos]. [nov. 2012]. Entrevistadoras: Bárbara Lawrenz Netto e Sônia Storch Fries. Caxias do Sul, RS, 14 nov. 2012. (Arquivo Histórico João Spadari Adami; Banco de Memória).

_____ [89 anos]. [fev. 2014]. Entrevistadora: Vania Beatriz Merlotti Herédia. Caxias do Sul, RS, 6 fev. 2014.

ZAMBIASI, Laudemir [85 anos]. [fev. 2014]. Entrevistadora: Vania Beatriz Merlotti Herédia. Caxias do Sul, RS, 12 fev. 2014.

Resumo: O presente estudo descreve o processo de criação da Escola de Aprendizagem Industrial Nilo Peçanha, em Caxias do Sul (RS), que teve papel fundamental na formação da classe operária da zona de colonização italiana do estado, a partir da década de 1940. A pertinência de uma escola no interior remetia ao potencial fabril da região das colônias italianas, conhecida pela sua vocação industrial. O estudo observa o surgimento dessa instituição no contexto político da década de 1940, e traz à tona, por meio de narrativas de ex-professores, ex-alunos, diretores e empresários, as recordações dos protagonistas do processo, dentro e fora da escola. Utilizada como método de análise, a história oral dá voz às memórias das práticas institucionalizadas que se adequaram à política de educação profissionalizante, com vistas ao fortalecimento da indústria nacional. A escola atingiu os objetivos previstos na proposta de ensino, estabelecida pelo governo brasileiro, e contribuiu para a formação do operariado e do empresariado da região.

Palavras-chave: História oral. Ensino profissional. Práticas institucionais. Instituições sociais.

Memory and history: professional education in an industrial school

Abstract: The present study describes the creation of the Industrial Learning School Nilo Peçanha, in Caxias do Sul, RS, Brazil, which played a crucial role in the education of the working class from the Italian immigration area of the state from the 1940s on. The pertinence of a school not located in the state capital was related to the manufacturing potential of the Italian immigration area, known for its industrial vocation. The study looks into the emergence of that institution in the political context of the 1940s and presents the memories of the protagonists of the process inside and outside the school using narratives of former teachers, alumni, princi-

pals and entrepreneurs. Used as a method of analysis, oral history gives voice to the memories of institutionalized practices that were adapted to the policy for vocational education in order to strengthen national industry. The school achieved the objectives set out in the teaching proposal established by the Brazilian government and contributed to the formation of the working class and the local business community.

Keywords: Oral history. Vocational education. Institutional practices. Social institutions.

Recebido em 04/04/2018

Aprovado em 04/06/2018